

CORPO E FORMAÇÃO: PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS CONSTITUTIVAS DA TERAPIA OCUPACIONAL

Body and education: constitutive perspectives and experiences of occupational therapy

Cuerpo y educación: perspectivas y experiencias constitutivas de la Terapia Ocupacional

Carolina da Silva Shiramizo

<https://orcid.org/0009-0008-8940-0428>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Isadora Cardinali

<http://orcid.org/0000-0001-8918-3162>

Universidade de Pernambuco, Instituto de Ciências Biológicas, Recife, PE, Brasil

Carla Regina Silva

<https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Resumo

Introdução: Perspectivas sobre o corpo têm se destacado na graduação em terapia ocupacional, o que indica a importância da dimensão da experiência corporal na formação. Considerando que o processo formativo também seja corporal e atravessado por forças do contexto histórico, social, político, econômico e cultural, questiona-se sobre como o tema conduz perspectivas para o campo. **Objetivo:** Investigar o tema corpo na formação de terapia ocupacional no Brasil, a partir de documentos orientadores e narrativas de docentes. **Métodos:** O método da cartografia conduziu as percepções sobre o habitar esse território, apresentado em camadas: análise de documentos dos cursos ativos e formulários direcionados às coordenações dos cursos e a docentes responsáveis por disciplinas específicas. **Resultados:** As diretrizes curriculares referem 'atividades corporais' ou 'funções do corpo'. As disciplinas referidas pelos cursos indicam carga horária predominantemente teórica. As narrativas docentes se amparam no processo formativo experiencial, sensível e poroso, aberto a deslocamentos nas formas de agir, ensinar e atuar, baseado no encontro e nas afetações dos corpos. Enquanto os documentos indicam práticas opcionais e visões reducionistas sobre o corpo, as docentes contam de uma produção compartilhada, acolhendo riscos, incertezas e desconfortos, suspendendo visões reprodutíveis, normativas e mercadológicas. **Conclusão:** A diferença de perspectivas entre documentos e relatos destacam um desvalor pela constituição de saberes pela experiência, mas indicam uma resistência das docentes a parâmetros gerais, ao investirem na constituição de corpos-terapeutas ocupacionais atentos e disponíveis, o que redimensiona o lugar do corpo na formação e problematiza a própria fundamentação profissional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Corpo. Ensino.

Abstract

Introduction: Perspectives on the body have been highlighted in occupational therapy graduation, which indicates the importance of the dimension of bodily experience in training. Considering that the formative process is also corporal and crossed by forces of the historical, social, political, economic and cultural context, this work questions how the theme leads perspectives for the field. **Objective:** To investigate the theme of the body in occupational therapy training in Brazil, based on guiding documents and teachers' narratives. **Methods:** The cartography method led to perceptions about inhabiting this territory, presented in layers: analysis of active course documents and forms directed to course coordinators and professors responsible for specific disciplines. **Results:** Curriculum guidelines refer to 'bodily activities' or 'body functions'. The subjects mentioned by the courses indicate a predominantly theoretical workload. The teaching narratives are supported by the experiential, sensitive and porous formative process, open to displacements in the ways of acting, teaching and acting, based on the encounter and the affectations of the bodies. While the documents indicate optional practices and reductionist views about the body, the teachers talk about a shared production, accepting risks, uncertainties and discomforts, suspending reproducible, normative and marketing views. **Conclusion:** The difference in perspectives between documents and reports highlights a lack of value for the constitution of knowledge through experience, but indicates a resistance of the professors to general parameters, when investing in the constitution of attentive and available body-occupational therapists, which resizes the place of the body in training and problematizes the professional foundation itself.

Key words: Occupational therapy. Body.

Resumen

Introducción: Las perspectivas sobre el cuerpo han sido destacadas en la graduación de terapia ocupacional, lo que indica la importancia de la dimensión de la experiencia corporal en la formación. Considerando que el proceso formativo es también corporal y atravesado por fuerzas del contexto histórico, social, político, económico y cultural, este trabajo cuestiona cómo el tema conduce perspectivas para el campo. **Objetivo:** Investigar la temática del cuerpo en la formación en terapia ocupacional en Brasil, a partir de documentos orientadores y narrativas de docentes. **Métodos:** El método de la cartografía condujo a percepciones sobre el habitar este territorio, presentadas en capas: análisis de documentos de cursos activos y formularios dirigidos a coordinadores de cursos y profesores responsables de disciplinas específicas. **Resultados:** Las directrices curriculares se refieren a 'actividades corporales' o 'funciones corporales'. Los temas mencionados por los cursos indican una carga de trabajo predominantemente teórica. Las narrativas didácticas se sustentan en el proceso formativo vivencial, sensible y poroso, abierto a desplazamientos en los modos de actuar, enseñar y actuar, a partir del encuentro y las afectaciones de los cuerpos. Mientras los documentos indican prácticas optativas y miradas reducionistas sobre el cuerpo, los docentes hablan de una producción compartida, aceptando riesgos, incertidumbres e incomodidades, suspendiendo miradas reproducibles, normativas y mercantilistas. **Conclusión:** La diferencia de perspectivas entre documentos e informes destaca una falta de valor para la constitución del conocimiento a través de la experiencia, pero indica una resistencia de los profesores a los parámetros generales, al invertir en la constitución de cuerpos-terapeutas ocupacionales atentos y disponibles, lo que redimensiona el lugar del cuerpo en la formación y problematiza el propio fundamento profesional.

Palabras clave: Terapia ocupacional. Cuerpo. Enseñanza.

Como citar:

Shiramizo, C. S.; Cardinalli, I.; Silva, C. R. (2024). Corpo e formação: perspectivas e experiências constitutivas da terapia ocupacional. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 8(1), 10.47222/2526-3544.rbto59724

Introdução

O corpo na formação em terapia ocupacional (TO) vem sendo investigado por diversas autoras, que contam sobre experimentações na formação com práticas corporais e estéticas, das quais o encontro entre corpos dispara produções compartilhadas singulares, ampliando a sensibilidade, suspendendo modos de pensar-agir-sentir, sedimentados e agenciando novas maneiras de estar no mundo (Inforsato et al., 2017; Liberman et al., 2017; Fidalgo et al., 2018; Cirineu & Assad, 2022). Como o trabalho formativo se faz de corpo inteiro (Almeida, 2004), as práticas corporais buscam uma “abertura para uma percepção sutil, de micro processos, muitas vezes invisíveis e indizíveis”, dando densidade às experiências (Maximino et al., 2019, p. 306).

Essas considerações levam a pensar na formação não apenas sobre o tema do corpo, mas compreendendo que a própria experiência formativa é corporal, assim como a experiência corporal é formativa, ou seja, considerar corpos terapeutas ocupacionais em formação nos mobiliza a repensar a construção da TO. Entende-se que o exercício profissional de terapeutas ocupacionais se ancora nas relações e, para isso, é preciso “construir um corpo que possa sustentar os encontros com outros corpos, acolhendo momentos de impasse e dor e criando, do interior desses encontros, caminhos e possibilidades de seguir na existência, de modo criativo e formativo” (Inforsato et al., 2019b, p. 119).

No ano de 2022, o XVIII Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional, trouxe como tema central do debate a necessidade de “(Re)pensar a formação em Terapia Ocupacional”. Essa temática suscitou diversas questões e, para Cardinalli et al. (2022), ficou latente a questão: “O que, afinal, estamos projetando para o futuro profissional?”.

Para descortinar o futuro é preciso habitar o presente. Por isso, este artigo, que surge do recorte de uma pesquisa de mestrado (Shiramizo, 2023, pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar - CAAE:54437421.1.0000.5504), se propôs a olhar para a formação a partir de seus documentos estruturantes para, então, mergulhar na dimensão relacional através de narrativas de docentes do campo. Esse mergulho buscou diversas camadas do formar corpo em terapia ocupacional para refletir sobre o que está sendo projetado, enquanto impactos formativos nas futuras profissionais.

‘Estratégias, expressões e concepções corporais’ aparecem recorrentemente na formação sobre as atividades em terapia ocupacional (Silva & Poellnitz, 2015; Maximino et al., 2019; Inforsato et al., 2019a; Rodrigues & Souza, 2020). O ensino de atividades foi considerado central para a formação de terapeutas ocupacionais e orientador dos diferentes processos terapêuticos ocupacionais, o que contribui na

preparação para o acompanhamento sensível de sujeitos, grupos e coletivos. “Ressalta-se a estratégia acerca da experimentação da atividade, como prática essencial para a criação de habilidades, competências e atitudes particularizadas pelo terapeuta ocupacional, introjetadas pelas vivências em si” (Silva & Poellnitz, 2015, p. 76).

As experiências práticas envolvem um acompanhamento sensível de si e de outros sujeitos e grupos em suas diversidades e adversidades. Contribuem, portanto, para a compreensão e mediação de situações, experimentando cuidar de demandas e representam uma experimentação que proporciona o amadurecimento gradual de estudantes e contribui para a construção de suas identidades profissionais (Silva & Poellnitz, 2015).

O ensino que contempla o encontro com o outro em sua diversidade, abrange a multiplicidade de atuações frente a demandas das populações nos campos e processos terapêuticos ocupacionais. “A riqueza da abordagem da terapia ocupacional está exatamente nesta possibilidade de conectar vários saberes e resultar numa prática interdisciplinar quase sempre” (Silva & Poellnitz, 2015, p.76).

A construção histórica dessa perspectiva de formação em terapia ocupacional retoma o final da década de 1980, com as intensas transformações no cenário político brasileiro (Cardinalli & Castro, 2019; Inforsato et al., 2019a). Naquele contexto, terapeutas ocupacionais constituíram atuações intersetoriais, ressignificando o desenvolvimento de atividades artísticas, corporais e culturais no sentido da produção da saúde, de subjetividade e participação sociocultural das pessoas em situação de vulnerabilidade social, com a promoção de espaços para trocas e experimentação (Inforsato et al., 2019a), além da ampliação de diferentes campos e políticas.

A pesquisa de Silva & Poellnitz (2015), em relação às Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do estado de São Paulo, mostra que não existe uma unificação sobre o ensino de atividades e recursos em terapia ocupacional. Há pluralidades em relação à formação e às áreas de atuação dos docentes responsáveis, o que se correlaciona com as formas de conceber e ensinar o conteúdo, indicando métodos e referenciais. “Além disso, a formação em outras áreas e aquelas externas à academia parecem contribuir de forma marcante no processo de ensino e aprendizagem” (Silva & Poellnitz, 2015, p.79).

Silva & Poellnitz (2015) concluíram que o ensino apresenta um núcleo comum, com experimentações voltadas para aprendizagens de si, do outro, de técnicas, instrumentos e territórios, no sentido de facilitar experiências relacionais e o potencial criativo. Galheigo & Castro (2010) consideram que esse seja o início do processo de construção profissional, que também significa um espaço para expressão de sentimentos, ações, práticas e reflexões.

A formação corporal do estudante, que não necessariamente está apenas nas ‘estratégias, expressões e concepções corporais’, contribui para a constituição de um corpo inventivo, crítico e reflexivo, capaz de atuar com/nas demandas complexas. Esse devir corpo-terapeuta ocupacional se prepara para

estabelecer dinâmicas relacionais e criativas ao se conectar com outros corpos e desenvolver sua atuação em composição (Cardinalli & Castro, 2019; Rodrigues & Souza, 2020).

Ainda que produções acadêmicas mostrem concepções complexas sobre corpo e corporeidade, apresentam descompasso diante do mercado de atuação profissional, com a oferta de empregos condicionados a lógicas lineares de tratamento e concepções segmentadas e organicistas sobre o corpo, com vistas em intervenções para torná-los produtivos e funcionais (Almeida, 2004). Isso pode ser reforçado pela educação mercadológica e especialista, direcionada a nichos cada vez mais específicos e métodos, muitas vezes, pouco porosos em relação a singularidades e modos de vida.

Como trilhar caminhos formativos se o “ambiente universitário, cada vez mais, incita à competição e ao individualismo, reproduzindo a lógica produtivista e corporativista que orienta nossos modos de pensar e agir na contemporaneidade” (Lieberman et al, 2017, p. 120), em lógicas engendradas pelo neoliberalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado?

Vê-se que a temática sobre corpo e/ou corporeidade tem se constituído na terapia ocupacional de forma teórico-prática com papel relevante para e na formação, investigação e atuação, apontando lacunas importantes e necessárias de serem investigadas diante dos contextos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos. Com isso, este artigo se dedicou a investigar o corpo na formação de terapia ocupacional no Brasil, a partir de documentos orientadores dos cursos ativos e das disciplinas que abordam sobre corpo/corporeidade, além de recolher relatos de docentes responsáveis por essas disciplinas, sobre seus investimentos e a percepção de impactos formativos.

Métodos

Para dar conta das emergências de um campo de problemas com abertura às modulações, foi realizada uma pesquisa-intervenção referenciada no Método da Cartografia. Essa escolha buscou acolher processos sensíveis entre pesquisadora, participantes, os dados da pesquisa e uma reflexão crítica capaz de identificar e problematizar as forças que se exercem de maneira hegemônica e repressiva na produção de subjetividade (Passos et al., 2020).

A escolha pelo método da cartografia se deu pela possibilidade do método se fazer durante o caminhar, de forma compromissada e rigorosa, propondo uma reversão metodológica – de metá-hódos para hódos-metá – onde a aposta é “na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (Passos & Barros, 2020, p. 10).

É importante destacar que a cartografia é um método de pesquisa-intervenção (Passos & Barros, 2020) que se propõe a acompanhar processos (Pozzana & Kastrup, 2020). Nesses acompanhamentos, efeitos são gerados na realidade e assim, outras realidades que não estavam “dadas” emergem. Nesta proposição não há dados à espera de observação, dados que informam sobre algo a ser estudado (Barros & Barros, 2014), mas um objeto como ponto de partida para o acesso à experiência.

Em relação à experiência, não há como manter a atitude típica que mantemos em frente de objetos, baseada na crença de que eles existem independentemente de nossa relação com eles. O acesso à experiência modula todo o procedimento de pesquisa, porque faz aparecer uma dimensão participativa na constituição dos objetos (Barros & Barros, 2014, p. 177).

Para que a pesquisa pudesse acontecer, foi desenhado o campo problemático (Passos & Kastrup, 2014), no qual manteve-se a fidelidade ao processo e àquilo que nele emerge. Por isso, aqui, não faz sentido trabalhar com o conceito de coleta de dados, pois não interessa à cartografia representar ou descrever realidades, mas acompanhar seus processos, acolhendo e colhendo a experiência, **produzindo**, a todo momento e em todas as interações, **novos dados**. O pesquisar foi, então, se desenhando em etapas, como descrito abaixo:

Habitar o campo

Em outubro de 2021 foi realizado um levantamento (primeira etapa) dos cursos ativos de terapia ocupacional no Brasil através do Portal E-Mec, onde foram encontrados 56 cursos. Após esse levantamento, foi realizada busca e verificação manual, identificando que em 21 Instituições não constava o curso de graduação de Terapia Ocupacional entre as ofertas, resultando, portanto, num total de 34 cursos ativos no Brasil naquele período.

Seguiu-se para a próxima etapa, onde foram enviados formulários online (segunda etapa) para as coordenações dos cursos ativos, contendo questões relacionadas a existência de disciplina(s) que abordasse(m) experiências e práticas corporais no currículo atual e solicitando a indicação de docentes que pudessem participar da próxima etapa da pesquisa. Também, foram inseridos dois campos não obrigatórios, nos quais seria possível adicionar documentos sobre a disciplina (ementa, projeto político pedagógico, matriz curricular, entre outros).

Nessa etapa, obteve-se 15 respostas, sendo 2 de universidades da região Nordeste, 2 da região Norte, 8 da região Sudeste e 3 da região Sul. Não houve representação da região Centro-Oeste do país.

As docentes indicadas foram contactadas através de um novo formulário online (terceira etapa) que foi enviado por e-mail. Foram indicadas 37 docentes para a terceira etapa da pesquisa. Desses, 15 docentes, todas terapeutas ocupacionais, participaram da pesquisa respondendo o formulário.

As participantes docentes estão alocadas em 11 universidades brasileiras, sendo que 2 fazem parte do quadro de docentes de universidades estaduais, 9 fazem parte de universidades federais e 4 de universidades particulares.

Concomitantemente a esse processo, foram analisadas outras camadas de estruturação dos cursos de terapia ocupacional no Brasil, criando uma atenção àquilo que fica no plano mais individual de cada IES, que são os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), grades/matrizes curriculares e ementários. Esses

documentos foram encontrados nos sites das IES e também enviados pelas coordenações de curso no primeiro formulário.

Em relação aos documentos enviados pelas coordenações de curso, foram recebidos 11 documentos entre PPPs, ementários e grades/matrizes curriculares. Como esse não era um item obrigatório no formulário, não recebemos documentos de todas as IES participantes. Este fato limita a análise, haja visto a dificuldade de acesso às informações em domínios públicos (sites das IES).

Dos 34 cursos ativos, foram analisados 22 cursos através dos seus documentos. Não foi possível analisar 12 cursos devido à falta de informações públicas disponíveis em domínios públicos. É importante ressaltar que todos os cursos não analisados nesta etapa estão alocados em IES particulares, fato que coloca os cursos das universidades particulares fora dessas análises, não sendo possível atingir sua representatividade.

A palavra "**corpo**" foi definida como buscador para localizar as disciplinas nos documentos disponíveis. Foram consideradas as palavras "corpo" e seus sufixos "ral" e "reidade" no nome da disciplina, na descrição e no objetivo. Foram desconsideradas quando apareciam nas referências bibliográficas ou no conteúdo programático (exemplo: livro "o corpo fala" ou controle da temperatura corporal).

Os resultados foram tabulados no Excel® e ao final desse processo, foram adicionadas à tabela as disciplinas indicadas pelas coordenações de curso no primeiro formulário e as mencionadas pelas docentes no segundo formulário.

Por fim, a análise implica um ethos analítico e se torna uma análise implicada do processo, se opondo radicalmente a ideia de neutralidade e dando "visibilidade às relações que constituem uma dada realidade, na qual o pesquisador se encontra enredado" (Barros & Barros, 2014, p. 178).

Se há algo de analítico na escolha inicial dos procedimentos a serem empregados é porque, em cartografia, não há como separar a análise das demais fases da pesquisa. Ela não é uma etapa a ser realizada apenas ao final do processo, na qual o material de campo poderia ser, enfim, compreendido. A atitude de análise acompanha todo o processo, permitindo que essa compreensão inicial passe por transformações. Por isso, em cartografia não há uma separação entre as fases de coleta e análise; tal atitude subentende também algum tipo de separação entre o objeto e o sujeito que o conhece (Barros & Barros, 2014, p. 182).

Tudo isso foi costurado com as inquietações e reflexões gravadas no caderno de processos. Anotações essas feitas em múltiplas linguagens: escritas, desenhadas, dançadas, fotografadas, gravadas em áudios/imagens. Na cartografia, todo registro/vivência/conversa produz dados, intervêm no campo e em quem pesquisa, se tornando material de pesquisa.

Resultados

O que Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dizem sobre o corpo?

As diretrizes curriculares nacionais (DCNs) são o documento que apresenta um padrão geral de orientação para a elaboração e avaliação dos projetos políticos pedagógicos dos cursos, assim como seus currículos e as competências e habilidades esperadas para seus egressos. A primeira resolução com diretrizes para a terapia ocupacional aconteceu em 2002 (Costa et al., 2018).

Em dezembro de 2020, foi homologada a Resolução nº 650, de 04 de dezembro de 2020¹, que dispõe sobre as recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação Bacharelado em Terapia Ocupacional (Brasil, 2020).

Na revisão das DCNs o ensino de atividades continua sendo considerado central para a formação de terapeutas ocupacionais e orientador para os diferentes processos terapêuticos ocupacionais, capacitando-o para o acompanhamento de sujeitos, grupos e coletivos.

Se o ensino de atividades se mantém na centralidade do projeto educacional, se faz necessário olhar mais atentamente para a questão das atividades nas DCNs. Enquanto que em 2002 o artigo XXVI afirma que os estudantes devem "conhecer, experimentar, analisar, utilizar e avaliar a estrutura e dinâmica das atividades e trabalho humano, tais como: atividades artesanais, artísticas, *corporais*, lúdicas, lazer, cotidianas, sociais e culturais" (Brasil, 2002, p. 3 [grifo nosso]), nas DCNs de 2020 a experimentação corporal desaparece, como se pode ver no parágrafo abaixo:

Identificar, experienciar, compreender, analisar, interpretar e avaliar a atividade/ocupação/cotidiano de pessoas, grupos, coletivos e populações considerando a centralidade das atividades cotidianas: culturais, artísticas, artesanais, educacionais, de trabalho, de lazer, sociais, lúdicas, esportivas, básicas e instrumentais da vida diária, descanso e sono, na caracterização da complexidade da identidade dos sujeitos e na definição do processo terapêutico ocupacional, que visem a autonomia, a ampliação de direitos, a independência, a participação, inclusão e a emancipação social (Brasil, 2020, p. 12).

Dentre as atividades/ocupações/cotidiano, não aparecem as atividades corporais, mas quando olhamos o artigo 8º do documento, encontramos uma longa e extensa lista de conhecimentos da qual os futuros profissionais da área devem ser capacitados:

XII – Conhecer as estruturas, dimensões e funções do corpo humano nos diferentes ciclos de vida e os processos de saúde-doença-deficiência, considerando a subjetividade, a condição humana e suas interrelações com as atividades/ocupações/cotidianos.

¹ No momento, o documento segue para tramitação no Conselho Nacional de Educação (CNE) (RENETO, 2020).

XIV – Conhecer as bases conceituais das terapias neuroevolutivas, neurofisiológicas e biomecânicas, psicocorporais, cinesioterápicas, entre outras, de modo a fundamentar o uso de estratégias e recursos terapêuticos-ocupacionais (Brasil, 2020, p. 12 [grifo nosso]).

Sabe-se que toda construção curricular implica em relações de poder e os currículos não são elementos inocentes e neutros, pois empreendem “um debate em torno dos conhecimentos a serem trabalhados nas escolas, seus usos sociais e status epistemológico” (Furtado & Carmo, 2021, p. 4).

O sumiço da experimentação corporal na reestruturação das DCNs nos provoca a pensar que essa formatação de currículo reafirma a dicotomização entre conhecer e experimentar/experienciar (Larrosa, 2015). Entre a razão e a experiência, mirando no jogo de forças proposto pelo colonialismo, deslegitima-se a sensibilidade enquanto aspecto fundamental a ser investido nas formações.

O que Projetos Políticos Pedagógicos, currículos e matrizes/grades curriculares dizem sobre o corpo?

No total foram encontradas e analisadas 141 disciplinas, a partir do formato em que são oferecidas: teórico, teórico-prático ou prático e a distribuição da carga horária nesses formatos. Para que as disciplinas fossem analisadas, foram estabelecidos como critérios de inclusão o acesso ao PPP e/ou matriz/grade curricular, as ementas das disciplinas com o formato na qual são ofertadas e a distribuição da carga horária.

Em relação às disciplinas, foram encontradas as seguintes informações:

- 4 (3%) são somente práticas,
- 8 (6%) são mais práticas do que teóricas,
- 35 (25%) tem carga prática e teóricas equivalentes,
- 33 (23%) são mais teóricas do que práticas,
- 29 (21%) são somente teóricas,
- 32 (23%) não apresentavam informações suficientes.

A partir desse cenário, foi criado um novo critério de inclusão, para se compreender qual é o recorte desta pesquisa. Analisa-se apenas as disciplinas das IES que participaram das duas etapas da pesquisa. No final deste processo, trabalhou-se com os dados de 78 disciplinas das 11 IES que correspondiam aos critérios de inclusão. Ao final das leituras e comparações, foi possível perceber que das 78 disciplinas:

- 2 (3%) são somente práticas,

- 6 (8%) são mais práticas do que teóricas,
- 21 (27%) tem carga prática e teóricas equivalentes,
- 21 (27%) são mais teóricas do que práticas,
- 14 (18%) são somente teóricas,
- 14 (18%) não apresentavam informações suficientes.

Os valores revelam que o recorte desta pesquisa apresenta uma representatividade em relação ao cenário no qual está inserido. A porcentagem de disciplinas oferecidas em formatos mais teóricos do que práticos vai mostrando um panorama de como se tem ensinado a temática sobre o corpo na terapia ocupacional.

Aprender corpo na teoria proporciona uma determinada experiência aos estudantes. Mas, o que isso implica na condição de terapeutas porvir? Que escolhas são essas?

Cardoso et al. (2019) referem que estudantes que não experimentam-pensam seus próprios sentidos em atividade e são desprovidos de experiências de percepção e significação da sua subjetividade, desenvolvem pouca empatia para com o fazer do outro.

Fidalgo et al. (2018, p. 1) referem que a experiência é compreendida “como um dispositivo para um ensino assertivo – rigoroso, porém não rígido – capaz de transitar entre teorias e encontros, observação e prática, sensibilidade e ética”. As autoras referem que o pensamento se faz quando há afetação. É a partir dessa que os estudantes experimentam os limites de uma atuação, na qual a aplicação do conhecimento técnico e específico não basta para realizar um cuidado em saúde, pois as condições objetivas da vida e os desejos do outro para si precisam ser considerados, produzindo conhecimento em ato, na experiência. Produzir conhecimento em ato na experiência diz sobre uma determinada política de aprendizagem.

Para Larrosa (2015), a experiência é o que dá sentido à educação, pois é algo que **nos acontece** e mobiliza afetos, sensações, gerando gestos que vão atravessar o tempo e o espaço, ressoando em outras experiências. Larrosa pensa a educação a partir de um caminho sensível, singular, estético e ético, onde a educação, a partir da experiência, se converte em algo parecido com a arte e aos próprios fundamentos da vida.

Ainda, para que algo aconteça nos sujeitos, é necessário haver um sujeito da experiência que se apresente como uma espécie de território de passagem, com uma certa abertura sensível para se afetar, produzir efeitos, deixar vestígios, permitindo-se ser um espaço que abra lugar para os acontecimentos (Larrosa, 2015). Essa abertura exige atitudes como passividade, receptividade e disponibilidade, que tornam o sujeito exposto aquilo que acontece.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (Larrosa, 2015, p. 28).

O que docentes dizem sobre o corpo na formação?

Aqui parece necessário avançar novas camadas dessa investigação, trazendo relatos das docentes que responderam questões como: conte uma cena em que percebeu algum deslocamento sensível no processo formativo; como percebe que a cena impactou na formação em TO; pessoalmente, como a cena reflete em sua atuação docente e na mobilização para que ofereça tais disciplinas; como relaciona estratégias de ensino empregadas para favorecer experiências. A fala de uma das docentes da pesquisa refere embates relacionados à experiência/experimentação no cotidiano da formação em terapia ocupacional:

“Escutei certa vez que as disciplinas de Atividades e Recursos Terapêuticos (ART) não eram tão importantes porque os alunos podiam pesquisar atividades no *YouTube*. Eu fiquei realmente muito chocada com essa fala porque não se valorizava a dimensão da experiência, do sensível na formação profissional” (Docente 11)

Pesquisar as atividades no *YouTube* certamente trará às estudantes uma possibilidade interessante de conhecer diferentes técnicas e formas de realizar atividades para utilizar como recursos em seus acompanhamentos enquanto terapeutas ocupacionais, criando um repertório utilitário e infinito de atividades. Sem dúvida, elas descobrirão o que acontece ao oferecê-las, mas não o que lhes acontece, o que para Larrosa teria a ver com a diferença entre o conhecimento e o saber da experiência.

Enquanto o conhecimento na contemporaneidade ocidental é basicamente uma mercadoria, pois é infinito, universal e objetivo, além de impessoal e instrumental, o saber da experiência seria “um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal”, que se forma a partir do modo como o sujeito elabora o que lhe acontece. Não se tratando “da verdade sobre as coisas, mas do sentido ou sem-sentido do que nos aconteceu” (Larrosa, 2015, p. 32), permitindo que haja, então, uma apropriação da própria vida. A experiência parte da afetação, se diferenciando da apropriação e reprodução de estratégias, funcionalidades simplistas e generalistas, como menciona o relato a seguir:

“Esta cena e muitas outras foram me permitindo acessar a realidade somática do lugar onde estou, em conversas sobre como me afetavam. Essas experiências favoreceram repensar o ritmo das aulas, o tempo de assimilar de cada turma/grupo e minha na relação com eles/elas, a quantidade de informação oferecida, a necessidade de acolher outras práticas e incorporar outras conversas sobre os cuidados de si como parte fundamental na formação de um terapeuta. Investigar junto com os estudantes como estavam construindo esses

cuidados consigo e orientar outras vivências. Bem como, manter-me experimentando e oferecer experimentações” (Docente 7)

Liberman et al. (2021) afirmam que a capacidade de ressonância a partir dos encontros e afetações vividos entre os corpos em uma disciplina teórico-prática, promove o aprendizado do ser-terapeuta ocupacional. Isso porque é possível “problematizar a formação do terapeuta ocupacional no contexto da subjetividade contemporânea, que afeta e molda os corpos e comportamentos” (Liberman et al., 2021, p. 60), além de promover trocas com as quais as estudantes podem olhar para a própria experiência, ressignificando alguns acontecimentos e efeitos no corpo. Ao experienciar o voltar-se para si, a partir dos eventos e experiências vividas, as estudantes podem reconhecer “tais processos como uma das etapas da construção de um corpo-terapeuta-sensível” (Liberman et al, 2021, p. 61), aspecto importante na formação do ser-terapeuta ocupacional.

“A possibilidade de ativar esse conhecimento no próprio corpo, propõe uma aprendizagem pela invenção de acessos às formas possíveis de entendimento, desde as já estabelecidas cientificamente, até as mais sensíveis e latentes, que se fazem em conjunções imprevistas com as convenções dispostas” (Docente 13)

Enquanto documentos regulatórios colocam o corpo, preferencialmente como práticas corporais, que podem ou não ser promovidas na formação ou na prática profissional, as docentes que participaram da pesquisa, em ressonância com a literatura, relatam que a experimentação sensível atua na apropriação do conhecimento experiencial, o que contribui para todos os componentes curriculares e áreas de atuação profissional.

“Um trabalho que envolve o campo do sensível, da atenção, da busca pelo encontro, aspectos fundamentais para a formação de um terapeuta ocupacional” (Docente 1)

Liberman et al. (2017) contam que o fazer junto e a produção compartilhada concebem os desequilíbrios, assumem riscos e incertezas, acolhem desconfortos e ressignificam as relações, colocando em suspensão perspectivas formativas e de atuação reprodutíveis, tornando a percepção da sensibilidade a orientadora dos encontros e processos em terapia ocupacional.

Há aqui um deslocamento na perspectiva profissional, que diz de uma forma de fazer resistência contra os processos cientificistas, normativos e mercadológicos esmagadores, investindo em uma formação sensível-crítica-ética-estética-política na preparação profissional, com compromisso pelo cuidado com disposição corporal para encarar os desafios dessa sociedade capitalista, machista, racista, colonial, capacitista, gordofóbica, LGBTQIA+fóbica, aporofóbica, binária, entre outros.

No dia a dia, para além dos espaços de fortalecimento, muitos são os enfrentamentos. Frequentemente somos convocados a responder porque esta ação acolhe pessoas com deficiência, idosos, jovens, estudantes, bailarinos...será que todos acompanham? É dança mesmo ou algum

tipo de dançaterapia? Teatroterapia? Essa ação terapêutica é séria, tem efeitos clínicos mesmo? Dirigidas a nós, a todos, ao trabalho (Angeli & Gravina, 2019, p. 205).

Como colocam Angeli & Gravina (2019), o acompanhamento experiencial nos mostra a necessidade de invenção, reinvenção e enfrentamento dos modos de fazer na universidade, na formação, na terapia ocupacional e na relação entre os conhecimentos, a ação, a clínica, a arte, a assistência e o cuidado, que são dependentes de uma produção cotidiana de valores e perspectivas. Isso revela sentidos e significados que precisam afirmar a existência desses próprios modos: desse como fazer. Um "como" que revela modos de agir coletivos, compartilhados e processuais na formação de corpos fortalecidos pela relação com outros corpos.

Conclusão

O tema corpo/corporeidade se torna um desafio, pois o corpo é um território de disputa transversalizado pelos poderes de regulação social, o que o torna não apenas relevante enquanto estratégia educativa/interventiva na formação e atuação terapêuticas ocupacionais, mas, sobretudo, mostra sua constituição enquanto componente transversal da própria concepção de terapia ocupacional.

Nesta pesquisa, foi possível perceber a importância do investimento experiencial nos espaços formativos, para a preparação desses corpos em devir terapeuta ocupacional, para a construção de repertórios profissionais e para constituição de perspectivas em terapia ocupacional, que se baseiam pelo encontro e pela imprevisibilidade criadora. Isso mostra uma concepção de corpo em sua dimensão existencial, material e simbólica da pessoa em suas relações no mundo. Impacta, não apenas na forma de perceber o outro, mas na forma de perceber a si junto ao outro, parte de/com o outro, preparando um corpo disponível para o encontro e um cuidado inventivo, que deve ser realizado de forma compartilhada. Isso, por tanto, mostra uma forma de compreender a própria terapia ocupacional que afirma modulações constantes.

Os documentos contam sobre as estruturas mínimas, processos de formação reprodutíveis e competências mensuráveis, privilegiando certos interesses científicos, políticos e econômicos, pois são resultados de disputas pelo poder. Eles apresentam um chão para pisar, com determinadas características implícitas, que não fazem ressoar a necessidade e a força da experiência enquanto atitude formativa flexível e constitutiva do ser-pensar-fazer-sentir terapêutico ocupacional. Os documentos priorizam uma formação colonizada, baseada no conhecimento teorizado e, muitas vezes, distante das realidades e das necessidades de estudantes e pessoas que serão acompanhadas. Assim, mantém o saber corporal experiencial hierarquicamente desvalorizado e, até, considerado optativo.

Tem dias que não temos sala para encontrar o grupo, pois alguém entendeu que o evento científico é mais importante, tem dias que narramos a nós mesmos os conflitos e embates políticos do momento presente, constituindo um corpo para resistir. Estar na universidade não nos protege.

Neste caso, nos lança na problematização do que seja misturar e produzir saberes e práticas, desmanchar formas instituídas (Angeli & Gravina, 2019, p. 205).

As docentes participantes da pesquisa vão contando sobre seus investimentos, muitas vezes individuais, nesses processos de ser-fazer-pensar-sentir na formação de corpos-terapeutas ocupacionais atentos aos afetos, disponíveis para o encontro e porosos para lidarem com as demandas das pessoas, grupos e coletivos acompanhados nos processos terapêuticos ocupacionais. Mostrando, então, um posicionamento que reconhece

Atividade e corpo na base, fundamento e identidade profissional, não apenas como recursos funcionalistas característicos de sua contribuição mercadológica, recupera tal investimento local e resistente às estratégias de homogeneização globais, mas não reverte suas ameaças de aniquilação constantes. Também mostra que a crítica é intrinsecamente dependente das experiências sensíveis para um processo de conscientização e para a construção de perspectivas que busquem o fortalecimento profissional centrado em seus contextos e que combatam processos de silenciamento (Cardinalli et al, 2022, p. 1).

Repensar a formação em terapia ocupacional se torna um desafio constante, que requer transformações recorrentes, necessitando a abertura para formas mais flexíveis e porosas, conduzidas pela sensibilidade, afetos e empatia e pelos compromissos éticos, nos encontros - o que mobiliza deslocamentos e modulações - enquanto aspectos fundamentais na condução de processos formativos e de atuação. Insistir no corpo se torna uma resistência, a concepção de corpo sensível se mostra como fundamento para toda terapia ocupacional e a terapia ocupacional se revela como um corpo coletivo aberto ao devir. Há, aqui, novas pistas para se compreender os processos de cuidado e acompanhamento em terapia ocupacional de forma mais sensível-crítica-ética-estética-política.

Referências:

Almeida, M. V. (2004). *Corpo e Arte em Terapia Ocupacional*. ENELIVROS.

Angeli, A. A. C. & Gravina, H. C. (2019). Corpo-em-ato: experimentações performáticas de si e do mundo. In: Silva, C. R. (Org.). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências* (pp. 177-202). HUCITEC.

Barros, L. M. & Barros, M. E. (2014). O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: Passos, E. et al. *Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum - volume 2*. Editora Sulina.

Brasil. (2002). Ministério da Educação. Resolução nº 3 do CNE/CES, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. *Diário Oficial da União do Brasil*, Brasília.

- Brasil. (2020) Conselho Nacional de Saúde. RESOLUÇÃO Nº 650, DE 04 DE DEZEMBRO DE 2020. Dispõe sobre as recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação Bacharelado em Terapia Ocupacional.
- Cardinalli, I. & Castro, E. D. (2019). Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro*. 3(4): 584-601. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto27760>
- Cardinalli, I. et al. (2022). Ensino sobre atividade e corpo em terapia ocupacional: processos sensíveis e críticos na formação. In: *Anais do XVIII Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional – ENDTO*. Brasília-DF: RENETO.
- Cardoso et al. (2019). PROCULT diversidade e cidadania: uma proposta política e poética na academia. In: Silva, C. R. *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências* (pp. 265-286). Editora Hucitec.
- Castro, E. D. et al. (2009). Formação em Terapia Ocupacional na interface das artes e da saúde: a experiência do PACTO. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 20(3): 149-156. <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14070/15888>
- Cirineu, C. T. & Assad, F. B. (2022). *Corpo em foco: proposições contemporâneas*. Claretiano.
- Costa, D. et al. (2018). Diretrizes curriculares nacionais das profissões da Saúde 2001-2004: análise à luz das teorias de desenvolvimento curricular. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 22(67): 1183-95. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0376>
- Favre, R. (2010). Trabalhando pela biodiversidade subjetiva. *Cadernos de Subjetividade, Núcleo de Estudos da Subjetividade*. (12): 108-123. <https://doi.org/10.2354/cs.v0i12.38452>
- Fidalgo, T. M. et al. (2018). Aprendendo com um grupo de mulheres. *revista DOBRA*, 25: 00-22. <https://revistadobra.weebly.com/dobra-mdash-2.html>
- Furtado, L. S. & Carmo, E. S. (2021). OS SABERES SILENCIADOS PELO CURRÍCULO: a epistemologia e o currículo na Educação do Campo. *Revista Espaço do Currículo*, 14(2): 1-8. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14n2.57814>
- Galheigo, S. M. & Castro, E. D. (2010). Humanização e cuidado: referenciais para a prática da terapia ocupacional junto à pessoa com câncer. In: Othero, M.B. (Org). *Terapia Ocupacional: práticas em oncologia* (pp. 16-46). Roca.

Inforsato, E. A. et al. (2019a). Arte, saúde e cultura na formação em terapia ocupacional: atividades, corpo e produção de subjetividade na experiência do Pacto. In: Silva, C. R. (org.). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências* (pp. 131-156). HUCITEC.

Inforsato, E. A. (2017). Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(2): 110-117. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2160>

Inforsato, E. et al. (2019b) Palavra e além da palavra: dispositivos de escrita e imagem na formação em terapia ocupacional. *Mnemosine*, 15(1): 115-132. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/45978/30920>

Larrosa, J. (2015). *Tremores: escritos sobre a experiência*. Autêntica.

Lieberman, F. et al. (2017). *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(2): 118-126. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2163>

Lieberman, F. et al. (2021). As marcas do (in)visível: atividades e recursos na formação de terapeutas ocupacionais. In: Rosa, S. et al, *Terapia Ocupacional: experiências da formação profissional* (45-62). Eduniso.

Maximino, V. et al. (2019). Práticas artísticas e corporais na formação de terapeutas ocupacionais: por uma aprendizagem inventiva. In: Silva, C. R. *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. Saber-fazer, cultura, política e outras resistências* (267-284). Hucitec.

Moreira, A. F. & Silva, T. T. (2002). *Currículo, cultura e sociedade*. Cortez.

Passos, E. & Barros, R. B. (2020). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, E. et al. *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (17-31). Editora Sulina.

Passos, E. & Kastrup, V. (2014). Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In: Passos, E. et al. *Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum - volume 2* (203-237). Editora Sulina.

Passos, E. et al. (2020). Apresentação. In: Passos, E. et al. *Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum - volume 2* (7-16). Editora Sulina.

Pozzana, L. & Kastrup, V. (2020) Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E. et al. *Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum - volume 2* (52-75). Editora Sulina.

RENETO. (2020). *Novas diretrizes curriculares nacionais da terapia ocupacional*. Canal da RENETO no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=i9wu2Yu50F8&t=2637s>

Rodrigues, N. F. A., & Souza, R. G. M. (2020). As experimentações corporais nos processos formativos da graduação em terapia ocupacional: uma revisão na literatura brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(1): 271-290. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1864>

Silva, C. R. & Poellnitz, J. C. V. (2015). Atividades na formação do terapeuta ocupacional. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 26(1):74-82. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i1p74-82>

Agradecimentos: À agência de fomento CAPES e as pessoas que contribuíram para a realização da pesquisa que deu origem a este artigo.

Contribuição dos autores: As três autoras contribuíram para a concepção, organização e redação do texto, assim como as análises e organização de fontes. C.S.S. produziu os dados apresentados em sua pesquisa de mestrado, orientada por C. R. S.

Fonte de financiamento: Bolsa de estudos Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Recebido em: 18/07/2023

Aceito em: 25/09/2023

Publicado em: 31/01/2024

Editor(a): Ricardo Lopes Correia